

## MITOLOGIA SONHOS E REALIDADE AMAZÔNICA

Roberto Lazaro Silveira\*

### RESUMO

O presente artigo disponibiliza informações do ponto de vista psicológico através de uma análise onírica e mitológica sobre a conscientização da população ribeirinha frente á mudança imposta pela construção do complexo hidroelétrico do rio Madeira. Tal imposição obrigará a população residente ás margens do rio onde sobrevivem através da pesca e da agricultura de subsistência, á desocupar estes locais e conseqüentemente ter o seu curso de vida alterado sendo forçados á uma readaptação sócio-ambiental.

Palavras-chave: Mitologia, Sonhos, Amazônia, hidrelétricas, Rio Madeira, Porto Velho, Ribeirinho.

### ABSTRACT

This article provides psychological information through a dream and mythological analysis on awareness of population who lives by the Madeira river forward to the change imposed by the construction of the hydroelectric complex on the river. That imposed will force the population living on the banks of the river from which we draw your livelihoods through fishing and subsistence agriculture, will vacate these sites and therefore have their way of life changed and forced into a social and environmental rehabilitation.

Keywords: Mythology, Dreams, Amazon, hydroelectric, Rio Madeira, Porto Velho.

\*Estudante de Psicologia – Instituto Luterano de Ensino Superior / Universidade Luterana do Brasil – Porto Velho/RO. Email: psicologo@robertolazaro.net

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	3
2 DESENVOLVIMENTO.....	7
2.1 Descrição dos sonhos.....	17
2.2 Análise dos sonhos.....	18
3 CONCLUSÕES .....	20
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	21

## 1 INTRODUÇÃO

Desde as metrópoles da Antiguidade (Nínive, Babilônia, Roma e Alexandria), os sujeitos, os grupos e as instituições vivenciaram grandes aflições, desconfortos, imposições e restrições e a ordenação desses lugares jamais foi plenamente satisfatória. Tem sido evidente nas cidades antigas, nas medievais e barrocas, nas da era paleoindustrial e industrial e nas modernas metrópoles a mesma insatisfação e inquietude quanto ao próprio destino e ao destino de outrem (CARDOSO, et all, 2002). Como fato decorrente do progresso no Brasil, alguns estados da região norte estão vivenciando esta situação de imposições do estado para uma parcela de seus cidadãos em benefício da totalidade. Em Porto Velho esta situação está sendo vivenciada, veja,

Representantes da população ribeirinha de Porto Velho (RO) manifestaram hoje (11), em audiência pública, inquietação quanto aos impactos provocados na região com a construção do Complexo Hidrelétrico do Rio Madeira. A audiência foi promovida pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis - IBAMA (LULA, 2006).

Pouco tempo após a manifestação de preocupação dos ribeirinhos mostrou-se certa sensação de insatisfação, porém, com prognóstico favorável devido à ocorrência de uma operação milionária, a prefeitura de Porto Velho vai transpor mil e duzentas famílias que hoje vivem em favelas de palafitas à beira do rio e igarapés nos limites da cidade, em meio a muita miséria e falta de saneamento. “Quando eles anunciarem que vão fechar as comportas, se não tiverem retirado a gente de lá, vamos ter de sair, porque ninguém é peixe para viver na água”, desabafa o agricultor José Ferreira da Silva, ribeirinho da comunidade de Joana D’Arc, próxima à futura hidrelétrica de Santo Antônio (LOURENÇO, 2008). Organizações ambientalistas preocupam-se com o fato, veja,

Enquanto a construtora Camargo Correia anunciava que a primeira parte da construção do canteiro pioneiro da hidrelétrica de Jirau já estava concluída, os movimentos sociais do Brasil, Bolívia e Peru que fazem resistência a construção das hidrelétricas do rio Madeira se reuniam no "Encontro sem fronteiras dos povos do Madeira: uma outra Amazônia é possível". O encontro começou na última sexta-feira (23) e terminou ontem (26), em Porto Velho (RO).

Nos debates, foram analisadas questões como o reordenamento territorial e o papel das comunidades tradicionais no processo de expansão das grandes corporações na Amazônia. Para o historiador e mediador do debate Ramon Cujuí, a articulação das comunidades tradicionais nesse contexto é crucial. "Não tenham dúvida que todo o processo de infra-estrutura na Amazônia é também um processo de privatização deste território em benefício de grandes grupos e não das comunidades que vivem nele".

No último dia foi elaborada uma declaração final do encontro. O presidente da ONG Rio Madeira Vivo, Iremar Antônio Ferreira, explica que trata-se de um manifesto "no qual reafirmamos o compromisso de lutar contra os grandes projetos que trazem grandes problemas para os povos da Amazônia".

Segundo Ferreira, o manifesto também reafirma a sentença do Tribunal Latinoamericano da Água, que condenou o governo brasileiro em setembro do ano passado por desrespeitar o direito das populações à água como bem vital e fundamental às pessoas e critica o governo brasileiro por não ter dado as explicações requeridas sobre os impactos das usinas em território boliviano.

O "Encontro sem fronteiras dos povos do Madeira" também articulou as ações que os movimentos de resistência às hidrelétricas vão tomar no Fórum Social Mundial, que começa hoje (27) em Belém. Segundo Iremar, uma caravana de trinta representantes do Brasil, Bolívia e Peru estão partindo de Porto Velho para o Fórum.

As usinas de Santo Antônio e Jirau, no rio Madeira, em Rondônia, são alvo de críticas de organizações ambientalistas e movimentos sociais. Segundo especialistas, a construção das usinas vai aumentar a pressão sobre a floresta amazônica, aumentando o desmatamento. Além disso, para a construção das usinas as empreiteiras tiveram que retirar mais de cinco mil famílias de ribeirinhos que viviam na região. Durante o Fórum Social Mundial, os impactos socioambientais das usinas serão discutidos principalmente no dia 28, no chamado Fórum Pan-amazônico e na Tenda dos Povos da Floresta. As usinas também serão debatidas no âmbito da Iniciativa pela Integração da Infraestrutura Regional Sul-americana -IIRSA. (CALIXTO, 2009)



Figura 1

As famílias dos ribeirinhos serão transferidas para condomínios de baixa renda, que já estão em construção, ali perto. As primeiras trezentas e dezoito moradias estão em fase final de construção (fig. 1).



Figura 2

No lugar das palafitas (fig. 2), nascerá um conjunto de três parques, com área total de seiscentos e cinqüenta mil metros quadrados<sup>1</sup>. Os parques, que receberão investimentos também milionários, vão ter quadras poliesportivas, observatório de pássaros e uma lagoa totalmente despoluída. (RITTNER, 2008).

Devido ao grande impacto sócio-ambiental anunciado, este trabalho justifica-se por fomentar a atual situação de progresso na região norte do país. Desenvolve-se em benefício de uma população de baixa renda, pois visa disponibilizar informações sobre a saúde e conduta da população ribeirinha para possíveis negociações em operações policiais assim como aos sistemas de saúde e bem estar social para um atendimento coletivo, curativo e preventivo, pois, o mito tem como principal função “fixar” os modelos exemplares de todos os rituais e ações humanas significativas: alimentação, sexualidade, trabalho, educação, etc.

---

<sup>1</sup> Equivalente a meio Parque Ibirapuera da cidade de São Paulo/SP.

Verificou-se as seguintes hipóteses: qual a possibilidade de destacar o mito local e sua eficiência na compreensão da conduta dos ribeirinhos da cidade de Porto Velho, estado de Rondônia, mediante novos paradigmas sociais quando correlacionado com imagens oníricas resultando em dados que possam ser utilizados de forma coletiva em benefício da população estudada? Sob as seguintes hipóteses:

- a) O conteúdo arquetípico do mito “Cobra Norato” está presente na produção onírica da população ribeirinha?
- b) O conteúdo arquetípico do mito é capaz de mobilizar a consciência coletiva da população ribeirinha a fim de prepará-la para a grande jornada em direção a uma nova vida fora dos seus lares atuais?

Objetivou-se correlacionar o mito amazônico “Cobra Norato” com imagens oníricas obtidas através de entrevistas com indivíduos representantes da comunidade onde vivem mil e duzentas famílias de ribeirinhos na cidade de Porto Velho, estado de Rondônia. As análises foram realizadas através do ponto de vista e fundamentos da Psicologia Analítica de Jung. Realizou-se uma análise de passagens do mito “Cobra Norato” em conjunto com o material onírico obtido nas entrevistas com os ribeirinhos para compreensão das conseqüências para os mesmos diante desta imposição.

Quanto à metodologia utilizada, por se tratar de uma pesquisa intrincada no contexto social, utilizou-se o Método Científico Fenomenológico, o qual,

Não é dedutivo nem indutivo. Preocupa-se com a descrição direta da experiência tal como ela é. A realidade é construída socialmente e entendida como o compreendido, o interpretado, o comunicado. Então, a realidade não é única: existem tantas quantas forem as suas interpretações e comunicações. O sujeito/ator é reconhecidamente importante no processo de construção do conhecimento (GIL, 1999; TRIVIÑOS, 1992).

Nesta perspectiva, o trabalho consistiu em coletar descrições sobre material onírico na população ribeirinha da cidade de Porto Velho, escolhida devido atual situação de metamorfose que abrange a região. Foram entrevistados os ribeirinhos

abordados durante a visita ao local das moradias. No início mostraram-se resistentes á assinar o termo de consentimento, no entanto, no decorrer das entrevistas, os moradores das palafitas interessaram-se pelo trabalho, disseram que houve muita gente coletando dados, porém, nunca mais retornaram ao local ou promoveram algum benefício aos mesmos, entretanto, era a primeira vez que alguém pedia para que contassem algum sonho. Em pouco tempo achegaram-se mais ribeirinhos ao local e começaram a contar seus sonhos e ouvir os sonhos dos outros ribeirinhos, a partir deste momento aos poucos começaram a consentir com o trabalho.

Os participantes foram escolhidos aleatoriamente dentro dos limites da região onde vive a população ribeirinha afetada pela mudança. Os dados foram coletados através de entrevistas abertas resultando em sete sonhos selecionados para melhor exemplificar a expressão sobre o momento e por terem sido também de maior simbolismo ao mito.

Para tanto, foi elaborado previamente um termo de consentimento que versou para o cidadão pesquisado todos os objetivos deste trabalho, ficando o mesmo ciente dos fins do trabalho. Concordando em participar da pesquisa assinaram o termo de consentimento. Após o consentimento dos participantes da pesquisa solicitou-se a definição verbal de seus últimos sonhos.

Na etapa seguinte partiu-se para os estudos mitológicos. Em outro momento, após os estudos mitológicos os dados foram analisados de acordo com o referencial teórico estudado os quais afirmaram as hipóteses previamente levantadas.

## **2 DESENVOLVIMENTO**

Podemos vislumbrar nas obras de Jung que os personagens mitológicos são fontes de compreensão para o entendimento dos processos humanos. Segundo o livro de memórias de Jung, desde 1909, o mesmo sentiu necessidade do estudo da mitologia para poder compreender a simbologia de uma psicose latente (JUNG, 1964). Este fato levou-o a descobrir futuramente que os núcleos dos complexos

são arquetípicos e desta forma imprescindíveis para a compreensão dos fenômenos psicológicos.

A teoria junguiana sobre os arquétipos inicia-se em 1912, quando relata a manifestação de imagens primordiais em pacientes e em sua auto-análise, cujas temáticas essenciais repetiam-se nos mitos de diversas culturas. Jung fora entusiasmado pelas idéias do historiador neoplatônico Friedrich Creuzer (1771-1858), como ele mesmo coloca: "O acaso me conduziu ao Simbolismo e Mitologia dos Povos Antigos, de Friedrich Creuzer, e esse livro me entusiasmou" (Jung, 1975, p.145).

É necessário ressaltar que esta teoria possui uma base biológica e empírica, logo, não se harmoniza ao espiritualismo de base mística, mas os pressupostos essenciais assemelham-se. Muitos dos argumentos biológicos em Jung surgem como uma maneira de conferir aos seus conceitos uma roupagem mais aceitável ao empirismo dominante, não sendo premissas necessárias para as suas teorias.

Outros autores como Joseph Campbell, notável mitólogo, define o desejo pelo conhecimento dos mitos como pistas, índices que estariam presentes em nosso íntimo e que ao serem seguidos, orientariam nossa jornada pela vida (CAMPBELL, 2001, 1993). Seguindo a tendência do mito como reflexo do interior do ser humano, conhecendo o mito de forma íntima, passamos a conhecer a maneira como as pessoas funcionam, reagem, desejam, e primordialmente como se transformam (ALVARENGA, 2007).

No mito está presente o nosso interior de forma pura, original e atualizável. Observemos estas qualidades do mito expressas nos seguintes parágrafos, veja,

Enquanto na vida da espécie humana o mítico é uma etapa primordial e primitiva, na vida de um indivíduo ele é uma fase recente e madura. O que se ganhou, é um insight na verdade maior, retratada na atualidade; um sorridente conhecimento do eterno, o ser contínuo e autêntico; o reconhecimento do esquema no qual, e em acordo com o qual, vive o indivíduo (YOUNG, 1999 p.29).

Todo conto popular inspirado em mitos reflete uma situação real e atual. Logo podemos atribuir ao mito a função de favorecer modelos para conduta humana. O papel mais importante do mito é, por conseqüência, "ater" os modelos exemplares de todos os rituais e ações humanas significativas: alimentação, sexualidade,



trabalho, educação etc. (ELIADE, 1989, 1990). O mito formou-se das inter-relações humanas por isto é o grande tradutor das mesmas nas mais variadas civilizações adiante dos mais variados idiomas e do tempo, observe que,

Pensamos no mito como comportamento humano e, ao mesmo tempo, como elemento de civilização, isto é, no mito tal como se encontra nas sociedades tradicionais, porque, ao nível da experiência individual, o mito nunca desapareceu por completo; faz-se sentir nos sonhos, nas fantasias e nostalgias do homem moderno, e a literatura psicológica habituou-nos a reencontrar a grande e pequena mitologia na atividade inconsciente e semi-consciente de cada indivíduo. (ELIADE, 1989, p. 18).

Segundo Jung, tanto os mitos quanto os sonhos constituem uma fonte de representações arquetípicas herdadas e conscientizadas pela cultura – é o despertar cultural de imagens oníricas. Ambos fornecem material para o entendimento das operações do inconsciente (JUNG, 1964).

Carl Gustav Jung emprega o termo arquétipo para mencionar: a forma etérica moduladora dos fenômenos psíquicos; modelos congênitos dos quais afloram a psique; seriam as tendências estruturais invisíveis do símbolo instituidoras de efígies ou presságios ressoantes em algum aspecto do momento consciente (JUNG, 1964).

Para Jung essas “imagens primordiais” ou arquétipos formam-se de uma repetição constante da mesma experiência durante gerações e tendem a produzir a repetição e elaboração dessas mesmas experiências em cada geração na formação dos complexos, ou seja, a experiência se repete como uma equação entre o inconsciente pessoal vinculado á cultura e coletivo por sua vez vinculado aos arquétipos (JUNG, 1964) "A imagem é uma expressão concentrada da situação psíquica como um todo(...) tanto inconsciente quanto consciente." (Jung, 1991, p.418).

A mitanálise através de símbolos atuais revela um padrão primitivo de comportamento, que satisfaz aos anseios religiosos, aspirações morais, a pressões e a imperativos de ordem social, e mesmo a exigências práticas (ELIADE, 2007). Articula Eliade que “o símbolo revela certos aspectos da realidade – os mais profundos – que desafia qualquer outro meio de conhecimento” (ELIADE, 1991,

p.8). Os sonhos elucidam questões vinculadas ao caráter individual do sujeito que o produz. O conhecimento extraído do mito se aproxima de um sentido mais profundo e constante da psique humana (JUNG, 1964).

As imagens oníricas revelam nossa realidade não nosso futuro. O mito mostra-nos que somos plurais e que cada uma das formas que lá figuram são “o próprio homem inteiro”, potenciais inteiros de comportamento (HILLMAN, 1992). A capacidade dos mitos serem transmitidos através de gerações desde os primórdios da humanidade confirma-os como base para os discursos ao mesmo tempo em que comprova o mito como atemporal por repetir de modo ritualístico o sentido da existência humana em sociedade (CRUZ, 2001), pense nisto,

As imagens oníricas são consideradas como a melhor expressão possível de fatos ainda inconscientes. “Para compreender o significado do sonho devo ater-me, tão próximo quanto possível, à imagem onírica”, afirmava Jung (DICIONÁRIO CRÍTICO ONLINE DE ANÁLISE JUNGUIANA, 2009 apud CW 16, parág. 320). Existe uma qualidade “exata” nos sonhos, dizia ele, nem positiva nem negativa, porém uma representação da situação como é realmente, e não o que alguém suponha ou gostaria que fosse. Compreender o processo onírico importa em múltiplos e variados aspectos, envolvendo a totalidade de uma pessoa e não simplesmente só o intelecto. Jung admitia sentir-se mistificado e logrado quando se confrontando com os sonhos, particularmente os seus próprios, e para ele tal posicionamento parecia o preferível diante de qualquer fenômeno psíquico cujo valor inicialmente não é evidente (DICIONÁRIO CRÍTICO ONLINE DE ANÁLISE JUNGUIANA, 2009).

Estes atributos justificam o interesse por imagens mitológicas que ao mesmo tempo em que fornece dados significativos sobre a psique, livra a humanidade dos preconceitos por arremeter à uma origem comum, capaz de ir além de raças, credo e condição social permitindo penetrar no interior do ser. Nietzsche (1974) diz: “Amamos o desejo não o desejado” nos aproximando da psicologia Junguiana onde, sonhos não são considerados demonstração de patologia, essas imagens significativas simbolizam também saúde e bem estar, evidencia uma disposição para a realização do indivíduo como resultado da elaboração bem sucedida desta força para solução dos conflitos, focando então a conduta para ir do desejo ao

desejado livre de preconceitos e interferências geracionais, pois quem move o ser é a energia do símbolo e não da imagem que fora simbolizada. (NIETZSCHE, 1974; CAMPBELL, 2001). As observações feitas sobre os sonhos podem ser mais bem ajustadas de acordo com as orientações obtidas na seguinte entrevista, observe,

Existe uma técnica para descobrir o significado de um sonho? Temos uma técnica na psicologia junguiana. Comparamos o sonho a um drama e o examinamos sob três aspectos estruturais: primeiro, a introdução ou exposição — o cenário do sonho e a colocação do problema; segundo, a peripécia — o desenrolar da história; e finalmente, a lysis — a solução final, ou talvez a catástrofe. Quando não compreendo um sonho, uso esse esquema e me coloco a questão: "Muito bem, qual é a introdução?" (FRANZ, 1996, p.20).

Os conteúdos produzidos pelos sonhos são da ordem da lembrança e não da descoberta por isto permitem trazer para consciência algo que já conhecíamos inconscientemente, desta forma os sonhos são capazes de fornecer caminhos a serem trilhados para um melhor aproveitamento de energia. (CRUZ, 2001).

Os mitos assim como as composições musicais são dotados de várias explanações e ilustrações (fig. 3) variando de acordo com seus interpretes, uma de suas versões diz o seguinte, observe abaixo,



Figura 3

Uma bela moça indígena chamada Zelina estava na roça trabalhando e quando foi para a beira do rio beber água, sentiu uma forte dor de barriga e começou a passar mal e de joelhos na beira do rio deu à luz a um casal de gêmeos filhos do Cobra Grande, pois, a moça desobedeceu às ordens do pajé de não se aproximar das águas após o entardecer para não engravidar-se do mesmo. O velho pajé curador da tribo, como punição, mandou que lançasse os irmãos ao rio e lá os gêmeos fossem criados como cobras, sendo um macho e uma fêmea, o macho foi chamado de Norato e a fêmea Maria Caninana, o tempo foi passando e as duas cobras foram crescendo, Norato era de boa índole e Maria Caninana era uma cobra má, pois, vivia derrubando as embarcações, quando visitavam sua mãe Zelina, a mesma só tinha olhos e gostava das renações de sua filha. Norato que era bom moço, encantado em uma cobra, nunca aprovou as maldades de sua irmã Maria Caninana e certo dia matou sua irmã, pois já não agüentava ver suas maldades, algumas noites ele deixava a sua pele e casca de cobra à beira do rio e pedia a sua mãe que o desencantasse, mas ela não tinha coragem e antes que o dia amanhecesse, antes do galo cantar tinha que voltar para o rio e voltar a ser cobra. Para quebrar o encanto de Norato era preciso que alguém de tamanha coragem colocasse uma gota de leite em sua boca e um corte na cauda para sair o sangue que desencantaria o moço tão belo de uma cobra tão feia. Norato era visto nos bailes onde dançava muito, mas antes de clarear o dia desaparecia e ninguém tinha coragem de desencantar o belo rapaz, pois ninguém queria se arriscar, cansado de tanto andar e não encontrar resolveu ir para a cidade de Óbidos e lá encontrou um corajoso soldado que levou o leite na boca da cobra e com o sabre cortou-lhe a cauda para o sangue jorrar e Norato transformou-se em um elegante e belo rapaz, agora Honorato - do latim homem honrado - deixando as águas do rio para levar uma vida igual do homem da cidade, sem transformar-se novamente em peixe. Honorato arranhou emprego como piloto de barco porque conhecia muito bem o leito dos rios da região. Ele gostava muito de conversar com as pessoas, no entanto, sentia muita saudade dos tempos de quando era cobra também (ANDRADE, 2003, p.32).

Este mito é de origem amazônica e para saborear esse gostinho nacional, é preciso, entretanto, aproximar-se das lendas brasileiras bem como das dificuldades de estilo comumente encontradas nos contos populares. O leitor há que se acostumar com este articular especial, eivado de expressões inesperadas, marcado por soluções lingüísticas particulares, enfim, carregado de exigências dirigidas a um leitor-cúmplice, ou seja, um leitor que aceite desafios, que sonhe com suas origens. Observe os dez mandamentos para se ler mito de Joseph Campbell, veja,

1. Leia mitos com um olhar de mistério: maravilhe-se com o significado, maravilhe-se com a origem.
2. Leia mitos no tempo presente: a Eternidade é agora.
3. Leia mitos no plural: os Deuses e Deusas de todas as mitologias vivem dentro de nós.
4. Todo mito interessante atrai, repele, ou ambos. Todos esses sentimentos são seus para explorar.
5. Olhe, ouça e sinta a forma; é para isso que os mitos existem.
6. O sagrado existe também no profano.
7. Mitos podem ser gerados em qualquer lugar, a qualquer tempo, por qualquer coisa: o Buda vive também no chip de computador.
8. Conheça sua tribo! Os mitos nunca surgem no vácuo; eles são o tecido de ligação do corpo social sinergisticamente relacionando mitos pessoais (sonhos) e rituais (mitos públicos).
9. Os mitos significam: a Terra é nossa casa e a humanidade é nossa família.
10. A imaginação desperta. Os mitos são para a vida. (CAMPBELL, 1993, p.34)

O início do mito Cobra Norato começa com crime e castigo, pois, a índia comete um crime ao desobedecer às leis da tribo e logo a sentença é proferida pelo pajé que obrigou a moça a dispensar seus filhos na água para serem criados como cobra. Trata-se de um cruzamento entre um homem e um animal que nos arremete ao mito do Minotauro (fig. 4) em Creta, que, segundo o mito grego, também era fruto do cruzamento de um ser humano e um animal, embora o mito seja originado em tempos remotos, o mesmo usufrui de suas raízes arquetípicas, atualizando-se no momento oportuno, apenas com máscaras atuais. Uma das versões do mito diz que,



Figura 4

Na ilha de Creta reinava Minos. Um dia, Possêidon enviou-lhe, surgido do mar, um touro, que o rei lhe deveria sacrificar. Minos, porém, guardou para si o animal. A esposa de Minos, Pasífae, apaixonou-se pelo animal. Essa paixão deve ter sido uma vingança de Possêidon, o rei do mar, ou de Afrodite, a deusa do amor, de cujo culto a rainha tinha descuidado. Vivia em Creta um célebre arquiteto, escultor e inventor, Dédalo. Foi esse homem quem construiu para Pasífae uma novilha<sup>3</sup> de bronze, oca, para que a rainha, pondo-se em seu interior, pudesse atrair o touro. Assim Pasífae se uniu àquele animal. Da união nasceria um monstruoso homem com cabeça de touro — o Minotauro. Quando nasceu o filho de Pasífae e do touro, Minos, envergonhado, fez com que Dédalo construísse um labirinto para aí deixar aquela criança monstruosa. Com seus inúmeros corredores, salas e galerias, criados de maneira a fazer perder a direção e confundir até o mais astuto dos homens, o labirinto só era dominado pelo próprio Dédalo: quem ali entrasse, não conseguiria mais sair. Com o passar dos anos, o Minotauro foi crescendo no labirinto, longe dos olhares das pessoas. Ora, Minos, tendo derrotado os atenienses em batalha, exigiu deles um tributo sinistro: todos os anos, Atenas deveria enviar sete rapazes e sete moças para serem devorados pelo Minotauro. Pode-se imaginar o terror que deveria se apossar de quem, perdido na confusão dos caminhos tortuosos, sentia aproximar-se de si aquela criatura grotesca que habitava o labirinto... Disposto a pôr um fim a essa situação, o herói ateniense Teseu foi um dia a Creta, junto com os outros jovens destinados à morte certa. Quando Teseu chegou à ilha, Ariadne, filha de Minos e Pasífae, apaixonou-se pelo jovem. Desejando salvá-lo da morte no labirinto, a moça lhe deu um novelo com um fio: Teseu deveria desenrolá-lo à medida que penetrasse naquele emaranhado. Quem tivera a idéia fora Dédalo. Foi assim que o herói, depois de matar o Minotauro, encontrou facilmente a saída, seguindo o caminho criado pelo fio de Ariadne. Ao saber do que ocorrera, Minos, enfurecido, aprisionou Dédalo e seu filho Ícaro no labirinto, pois julgava que o arquiteto tinha sido cúmplice daquela traição. Haveria de ser a morte para os dois, se Dédalo, sempre astucioso e inventivo, não tivesse encontrado um meio de escapar. Fez, com penas de aves coladas com cera, um par de asas para si e outro para o filho. Antes de saírem por uma das altas janelas do labirinto, Dédalo fez uma recomendação a Ícaro. Que ele, sob hipótese alguma, se aproximasse do sol; deveria voar nem muito alto nem muito baixo, entre o céu e a terra. Partiram. Mas Ícaro não obedeceu ao conselho paterno. Chegando demasiado perto do sol, a cera das asas derreteu, e as penas dispersaram-se nos ares. De repente o moço se viu agitando braços nus. Chamando em vão pelo pai, Ícaro caiu nas águas azuis do mar Egeu (VASCONCELLOS, 1998, p.24).

Dessa maneira, de acordo com o caráter antropofágico já mencionado em épocas e lugares distintos, temos que o mito Cobra Norato revela um caráter uno – brasileiro – e múltiplo – universal - por lidar com símbolos e situações por detrás

dos símbolos essenciais aos seres humanos como o medo, as conquistas, as regras, o crime e o castigo. Outro mito brasileiro relacionado á ecologia é o Curupira (fig. 5), o qual protege a floresta com recursos próprios, observe uma das representações desenhadas do mito e leia a história, veja,



Figura 5

O curupira habita as matas brasileiras. De estatura baixa, possui cabelos avermelhados (cor de fogo) e seus pés são voltados para trás. A função do curupira é proteger as árvores, plantas e animais das florestas. Seus alvos principais são os caçadores, lenhadores e pessoas que destroem as matas de forma predatória. Para assustar os caçadores e lenhadores, o curupira emite sons e assovios agudos. Outra tática usada é a criação de imagens ilusórias e assustadoras para espantar os "inimigos das florestas". Dificilmente é localizado pelos caçadores, pois seus pés virados para trás servem para despistar os perseguidores, deixando rastros falsos pelas matas. Além disso, sua velocidade é surpreendente, sendo quase impossível um ser humano alcançá-lo numa corrida. De acordo com a lenda, ele adora descansar nas sombras das mangueiras. Costuma também levar crianças pequenas para morar com ele nas matas. Após encantar as crianças e ensinar os segredos da floresta, devolve os jovens para a família, após sete anos. Os contadores de lendas dizem que o curupira adora pregar peças naqueles que entram na floresta. Por meio de encantamentos e ilusões, ele deixa o visitante atordoado e perdido, sem saber o caminho de volta. O curupira fica observando e seguindo a pessoa, divertindo-se com o feito.

Todos os mitos são despertáveis, no entanto, são os momentos sócio-históricos que lhes abrem os olhos vestindo-lhes á caráter. Não podemos esquecer que as lendas e mitos são histórias criadas pela imaginação das pessoas, principalmente dos que moram em zonas rurais ou ás margens dos rios. Fazem

parte deste contexto e geralmente carregam explicações e lições de vida. Portanto, não existem comprovações científicas sobre a existência destas figuras folclóricas nem mesmo quando surgiram. Desta forma, quanto à perenidade dos símbolos expressados podemos notar que,

Não é, aliás, necessário fazer intervir as descobertas da psicologia de profundidade ou a técnica surrealista da escrita automática, para provar a sobrevivência subconsciente, no homem moderno, de uma mitologia abundante e, quanto a nós, de uma qualidade superior à sua vida «consciente». Pode passar-se sem os poetas ou sem os psiquismos em crise para confirmar a atualidade e a força das imagens e dos símbolos. A mais apagada existência está pejada de símbolos, o homem mais «realista» vive de imagens. Para frisá-lo e como adiante se exemplificará abundantemente, os símbolos nunca desaparecem da atualidade psíquica: podem mudar de aspeto, mas a sua função continua a ser a mesma: basta retirá-lhes as suas novas máscaras. A mais abjeta «nostalgia» oculta a «nostalgia do paraíso». Fez-se referência às imagens do «paraíso oceaniano» que povoam livros e filmes. (Alguém disse já que o cinema era urna «fábrica de sonhos»). Também se pode de igual modo analisar as imagens subitamente libertadas por qualquer tipo de música, por vezes até pela mais banal romanza, e logo se verificará que essas imagens revelam a nostalgia de um passado mitificado, transformado em arquétipo; que esse passado contém, além da saudade de um tempo desaparecido, mil outros sentidos: ele exprime tudo aquilo que poderia ter sido e não foi, a tristeza de toda a existência que só é quando deixa de ser outra coisa, o desgosto de não viver na paisagem e no tempo evocados pela romanza (sejam quais forem as cores locais ou históricas: «bons velhos tempos», Rússia das balalaicas, Oriente romântico, Haiti dos filmes, milionário americano, príncipe exótico, etc.); ao fim e ao cabo o desejo de qualquer coisa totalmente diferente do momento presente; em suma, do inacessível ou do irremediavelmente perdido: o «Paraíso». O importante, nestas imagens da «nostalgia do paraíso», é o fato de elas dizerem sempre mais do que poderia exprimir por palavras o indivíduo que as experimentou. A maior parte dos seres humanos seria, aliás, incapaz de descrevê-las: não que sejam menos inteligentes uns que outros mas sim porque não dão a devida importância à nossa linguagem analítica. E, todavia estas imagens aproximam os homens mais eficazmente e mais realmente do que uma linguagem analítica. De fato, se existe uma solidariedade total do gênero humano, ela só pode ser sentida e «atuada» ao nível das imagens (nós não dizemos do «subconsciente» porque nada prova que não exista também um transconsciente). (ELIADE 1991, p.17).



## 2.1 Descrição dos sonhos

A população em estudo descreveu os seguintes sonhos que foram registrados transmitindo a forma como foram pronunciados, ou seja, foram escritos na íntegra sem erudição de palavras:

1 – “Estava na beira do rio, no quintal de casa, de repente, chegou um pessoal e retirou a gente dali e mostravam outras casas. Eu mostrava o material de pesca pra eles e falava que queria ficar perto da água. E a gente era arrastado para longe do rio e tudo ficava seco.”

2 – “Estava andando no rio para pescar e o barranco abriu e tudo ficou muito rápido, a água começou a sair e uns bichos apareceram, via uma cobra grande fugindo dali e passou perto da vuadera e derrubava a vuadera.” Obs: Ao descrever o sonho o ribeirinho disse que ouve muita lenda e sonha com elas.

3 – “Sonhava que acabou o paraíso, que aqui era o paraíso e tudo se acabava. Que estava bem aqui no quintal de casa e ficava com fome ai quando eu procurava pelo rio não tinha mais e eu ficava sem saber onde ia e não queria sair mas tudo se acabava.”

4 – “Andava pelo rio, mas não tinha mais água, era tudo seco e os peixe se debatia morreno, era tipo uma vala, uma praiona. Eu ficava parada bem no meio observano tudo e acordei com muito medo.”

5 – “Tentava olhar para onde tem o barranco remexido da construção, mas não conseguia mais ver o rio e nem podia mais pescar. Olhava pra perto e não tinha mais meu material, não tinha o que comer nem material.”

6 – “Sonhei que tava sufocando sem quintal e não podia mais fazer suada que reclamavam, tudo era muito confuso e muito junto com outras pessoas e longe do rio.” Obs: O ribeirinho disse: “era bom ir

na cidade pra comprar as coisa porque era perto mas não morar lá porque é muito quente sem árvore.”

7 – “Pescava de tudo e ganhava dinheiro. Eu armava a malhadeira e pegava dourado, pintado e vendia. Parecia um lugar mais pra baixo daqui onde era melhor de peixe.”

## 2.2 Análise dos Sonhos

De acordo com a técnica da psicologia junguiana descrita por Marie-Louise Von Franz e publicada no livro *O caminho dos sonhos em mil novecentos e noventa e seis*, mencionada na página onze deste artigo, logo podemos comparar os sonhos dos ribeirinhos ao drama que estão vivendo. Encontram-se prestes a serem removidos de seus habituais lares em terrenos às margens do Rio Madeira de onde sobrevivem da pesca e agricultura de subsistência. Os mesmos serão movidos para condomínios de baixa renda ou receberão indenizações, no entanto terão de se readaptar á um novo estilo de vida.

Seus sonhos expõem assim como o mito Cobra Norato, o cenário onde vivem, ou seja, o rio, suas margens e a estima que possuem com o local. O cenário é o mesmo do mito, ou seja, as margens do rio nas proximidades da cidade. Observem alguns trechos dos sonhos que comprovam este fato: “Estava andando no rio”; “Estava na beira do rio”; “Andava pelo rio”.

No desenrolar das histórias demonstram o pesar causado pela escassez de recursos para subsistência e a vontade de permanecer no local, observe: “Eu mostrava o material de pesca pra eles e falava que queria ficar perto da água”; “Sonhei que tava sufocando sem quintal e não podia mais fazer suada que reclamavam, tudo era muito confuso e muito junto com outras pessoas e longe do rio.”

As soluções das histórias estão voltadas para a permanência no local como em: “falava que queria ficar perto da água”. Surge a expectativa quanto á mudar para um local similar, veja: “Parecia um lugar mais pra baixo daqui onde era melhor de peixe” assim como surgem diversas catástrofes decorrentes da mudança em: “Sonhei que tava sufocando sem quintal”; “Sonhava que acabou o paraíso, que aqui era o paraíso e tudo se acabava.”

Cobra Norato, agora Honorato, do latim Homem Honrado, possui um emprego e leva uma vida de gente da cidade, no entanto sente saudades do tempo que era cobra, no entanto não ocorreram sonhos com a mesma sorte, em nenhum deles há mudança ou posse de uma nova profissão. O fato de maior proximidade com a história de Honorato que permanece no rio agora pilotando barco é o sonho que diz: “Pescava de tudo e ganhava dinheiro. Eu armava a malhadeira e pegava dourado, pintado e vendia. Parecia um lugar mais pra baixo daqui onde era melhor de peixe.” Este sonho aproxima-se do mito, pois, continua empregado no rio, todavia, distancia-se por não ter havido a mudança de ocupação.

Um dos sonhos descritos arremete às malfetorias de Maria Caninana, irmã de Cobra Norato, observe: “Estava andando no rio para pescar e o barranco abriu e tudo ficou muito rápido, a água começou a sair e uns bichos apareceram, via uma cobra grande fugindo dali e passou perto da vuadera e derrubava a vuadera.” Obs: Ao descrever o sonho o ribeirinho disse que ouve muita lenda e sonha com elas. Observe o trecho do mito que relata esta correlação: “Maria Caninana (fig. 6) era uma cobra má, pois, vivia derrubando as embarcações”.



Figura 6

### 3 CONCLUSÕES



Figura 7

De acordo com a análise dos sonhos, o conteúdo do mito “Cobra Norato” está presente na produção onírica da população ribeirinha devido á grande semelhança entre o cenário ás margens do rio e a proximidade com a cidade (fig. 7), onde Cobra Norato dirigia-se para dançar com as moças. Peripécia, pois, tanto nos sonhos quanto no mito ocorre a relação com a cidade e lysis das histórias que acabam em nostalgia e permanência no rio.

Os sonhos são capazes de mobilizar a consciência coletiva da população pesquisada a fim de prepará-la para a grande jornada em direção á uma nova vida fora dos seus lares atuais. Através dos sonhos os ribeirinhos iniciam seus processos de conscientização sobre as dificuldades a serem enfrentadas. O ato de conscientização esclarece sobre algo necessário para nosso aprendizado, tomar consciência nos prepara e evita ações inadequadas.

A conscientização não é designadamente o indivíduo tomar conhecimento e encarar a realidade, mas é um procedimento fundamentado na relação consciência-mundo; contudo, explora-se a esse princípio ao se ter, de um lado, a consciência e, de outro, o mundo. A conscientização consiste no desenvolvimento crítico da tomada de consciência.

Desta forma, conscientizar significa adquirir sua própria liberdade, logo, libertar-se, compreendendo tudo que o cerca, pois é sabido que a consciência humana está intimamente relacionada com o mundo real, sendo assim, conscientização é batalhar para a libertação dos obstáculos que atalham uma boa percepção do mundo cotidiano. A conscientização é um processo, e como tal, ele é lento, exigindo muita paciência e trabalho, frente às comunidades.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVARENGA, Maria Zélia et all. **Mitologia simbólica**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

ANDRADE, Paulo de Tarso. **Conhecendo nosso Folclore**. São Paulo: Kanga, 2003.

CALIXTO, Bruno. **Encontro de preparação para o Fórum Social Mundial articulou povos do Brasil, Bolívia e Peru contra a construção das hidrelétricas do rio Madeira**. Amazonia.org.br, 27 jan. 2007. Disponível em: <<http://www.amazonia.org.br/noticias/noticia.cfm?id=298609>>. Acesso em: 14 nov. 2009.

CAMPBELL, Joseph. **Mito, sonhos e religião**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

\_\_\_\_\_. **Myths to Live By**. London-UK: Penguin, 1993.

CARDOSO, Wilson Benes de Oliveira e VALADARES, Jorge de Campos. **O ritmo das transformações, a exclusão, a legislação urbana e a condição humana na cidade**. *Ciênc. saúde coletiva*. [online]. 2002, vol.7, no.2 [citado 24 Maio 2004], p.313-323. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81232002000200011&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232002000200011&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 22 mar. 2009.

CRUZ, Valéria Álvares. **Resenha de Mitopoiesis: os símbolos e a mítica do ser**. *Eccos Revista Científica*, São Paulo, n. 1, v. 3, p.182-184, 2001.

DICIONÁRIO CRÍTICO ONLINE DE ANÁLISE JUNGUIANA. Disponível em: <http://www.rubedo.psc.br/dicjung/verbetes/sonhos.htm>. Acesso em: 14 nov. 2009.

ELIADE, Mircea. **Aspectos do mito**. Rio de Janeiro: Setenta, 1989.

\_\_\_\_\_. **Imagens e Símbolos**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

\_\_\_\_\_. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

\_\_\_\_\_. **Mitos, sonhos e mistérios.** Rio de Janeiro: Setenta, 1989.

\_\_\_\_\_. **O poder do mito.** São Paulo: Palas Atena, 1990.

FRANZ, Marie-Louise Von. **O caminho dos Sonhos.** São Paulo: Cultrix, 1996.

GIL, Antonio C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.** São Paulo: Atlas, 1999.

HILLMAN, James. **Psicologia arquetípica.** São Paulo: Cultrix, 1992.

JUNG, Carl Gustav. **A energia psíquica.** Petrópolis: Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_. **Memórias sonhos e reflexões.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

\_\_\_\_\_. **O Homem e seus símbolos.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964.

\_\_\_\_\_. **Tipos psicológicos.** Petrópolis: Vozes, 1991.

LOURENÇO, Luana. **Após leilão de usinas do Rio Madeira, população ribeirinha está apreensiva.** Agência Brasil – Radiobrás. 22 jan. 2008. Disponível em: <http://www.revistameioambiente.com.br/2008/01/22/apos-leilao-de-usinas-do-rio-madeira-populacao-ribeirinha-esta-apreensiva/>. Acesso em: 14 nov. 2009.

LULA, Edla. **População ribeirinha de Porto Velho teme impactos da construção de hidrelétrica.** Agência Brasil, 12 nov. 2006. Disponível em: <http://www.agenciabrasil.gov.br/noticias/2006/11/11/materia.2006-11-11.8971772112/view>. Acesso em: 21 mar. 2009.

NIETZSCHE, Frederich. **Obras incompletas.** São Paulo: Abril Cultural, 1974.

RITTNER, Daniel. **Porto Velho renasce com obras das usinas do Madeira.** Valor Econômico, São Paulo, 19 ago. 2008. Disponível em: <http://www.amazonia.org.br/noticias/print.cfm?id=281433> Acesso em: 21 mar. 2009.

TRIVIÑOS, A.N.S. **A Pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: Atlas, 1992.

VASCONCELLOS, Paulo Sérgio de. **Mitos Gregos**. São Paulo: Objetivo, 1998.

YOUNG, Jonathan. **Saga: Best New Writings on Mythology, V.2**. Ashland-US: WhiteCloud Press, 1999.

### OBRAS CONSULTADAS

ABNT. NBR 6022: **informação e documentação: artigo em publicação periódica científica impressa: apresentação**. Rio de Janeiro, 2003. 5p.

ABNT. NBR6023: **informação e documentação: elaboração: referências**. Rio de Janeiro, 2002. 24 p.

ABNT. : **Informação e documentação: numeração NBR6024 progressiva das seções de um documento**. Rio de Janeiro, 2003. 3p.

ABNT. NBR6028: **resumos**. Rio de Janeiro, 2003. 2 p. **ABNT. NBR10520: informação e documentação: citação em documentos**. Rio de Janeiro, 2002. 7 p.

ABNT. NBR 14724: **informação e documentação: trabalhos acadêmicos: apresentação**. Rio de Janeiro, 2002. 6 p.

FRANÇA, Júnia Lessa et al. **Manual para normalização de publicações técnico-científicas**. 6. ed. rev. e ampl. Belo Horizonte: UFMG, 2003. 230 p.

BEZERRA, Ararê Marrocos. **Amazônia, lendas e mitos**. Belém: EMBRAPA, 1985.

BOPP, Raul. **Cobra Norato e outros poemas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

CASCUDO, Luis da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. Brasília: MEC, 1972.

DURAND, G. **A imaginação simbólica**. São Paulo: Cultrix, 1988.

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. SP: Perspectiva, 2000.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o profano**. São Paulo: Livros do Brasil, 1983.

FERNANDES, F. **O folclore em questão**. São Paulo: Hucitec, 2003.

FRANZ, Marie-Louise Von. **Alquimia**. Barcelona-Espanha: Inner City Books, 1980.

FURASTÉ, Pedro Augusto. **Normas Técnicas para o Trabalho Científico: Elaboração e Formatação**. Explicitação das normas da ABNT. 14ª ed. Porto Alegre: s.n., 2008.

JUNG, Carl Gustav. **A prática da psicoterapia**. Rio de Janeiro: Vozes, 1985.

\_\_\_\_\_. **Fundamentos de Psicologia Analítica**. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

\_\_\_\_\_. **Psicologia e alquimia**. Rio de Janeiro: Vozes, 1985.

LAKATOS, Eva Maria. MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Atlas, 1995.

LEAL, J. C. **A natureza do conto popular**. Rio de Janeiro: Conquista, 1985

NEVES, Abel. **Lendas e fatos da Amazônia**. Brasília: Regional, 1985.

OLIVEIRA, José Coutinho de. **Folclore amazônico**. Belém: Ed. São José, 1951.

PAULA, Ana Maria T. de. **Mitos e lendas da Amazônia**. Belém: MEC/EMBRATEL; 1985.



ROESCH, Sylvia Maria Azevedo. **Projetos de Estágio do Curso de administração: guia para projetos, estágios e trabalhos de conclusão de curso**. São Paulo: Atlas, 1996.

SOLIÉ, Pierre. **Mitanálise Junguiana**. São Paulo: Nobel, 1985.